



sempre fixe semanario humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 43

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

“Catalogo comico” da Exposição de Belas Artes por FRANCISCO VALENÇA e CARLOS SIMOES

-157-
SALGADO

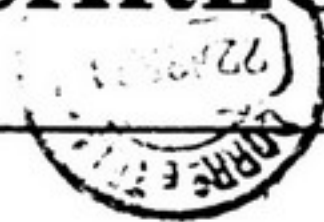


Abertura... de uma exposição pouco prometedora, sem volume e sem interêsse.

-213- MARTINHO DA FONSECA



«Frémito»... tremuras, tremeliques, calafrios e cala...quentes. Será um caso de gripe, a pedir cama e aspirina?



-156-
SALGADO

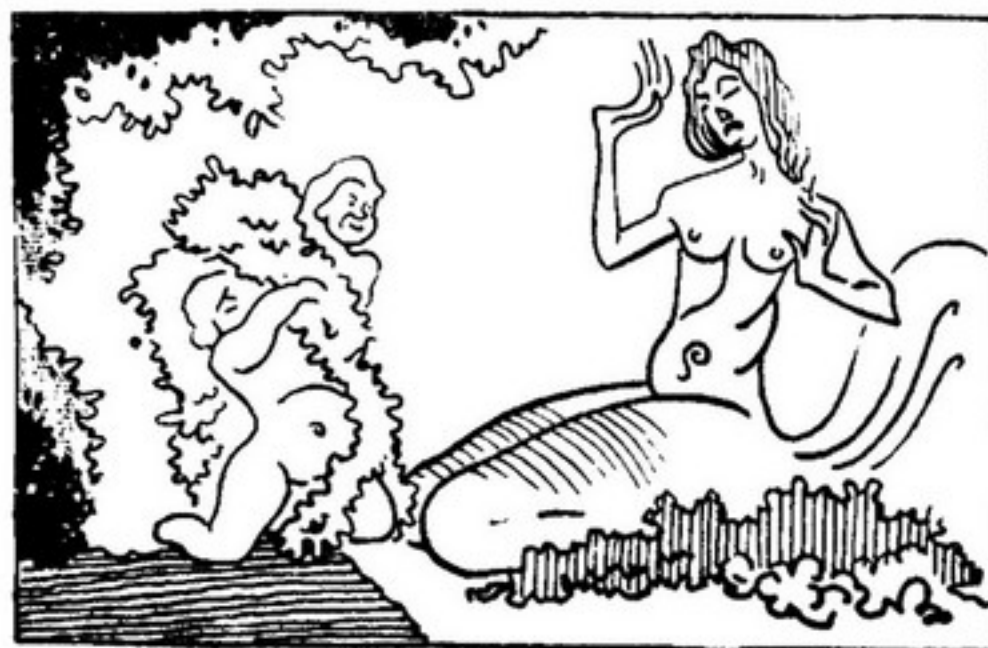


“Ovos a 5 segundos, pouca vergonha!”

«Esopo», tendo entrado pelo chispe com hervas regado com Chypre en-garrafado, deu-lhe para escrever nas paredes, como qualquer garoto Pintura a oleos grossos... e pesados



-73- D. EDUARDA LAPA
«Breta» muito bicuda. E' o que se chama um bico d'obra!
(Ela foi adoptada para a Casa das Bicas de palm a casa do Dr. Bico de Pedreiro).



-15- FORTUNATO ANJOS
—Basta de flores! Já estou embriagada... com perfumes! Nem carne nem peixe... Tem algo de serala, a muito de seresma.

-125-
SEVERO
PORTELA
JUNIOR



Professora de instrução primária, aposentada. Trip-ta anos a ensinar letras grossas a miúdas.



Os ditos da semana



«... quando vem a... fala-se da federação Iberoica. Falar não é proibido. Cada um diz o que lhe dá na gana, mas fica sempre aos outros o direito de responder.

— Arre, já ouvi.

É depois tudo continua como dantes: amigos, amigos, federações a parte.

É quem... que se te- dere.

Neste de federações, a coisa resolve-se como dizia o outro das tomadas—é cada um em sua casa com a sua família.

Estas ideias nascem às vezes na cabeça de pessoas que tem o delírio das grandezas, mas para essas há sempre uma resposta:

Mais vale ser pequeno na nossa casa do que grande na casa alheia.

Na verdade, não deixava de ser uma coisa tentadora vêr a nossa cidade de Lisboa capital dum grande imperio—sim, porque isso é que estaria indicado dada a nossa situação geográfica, cais da Europa a beirinha do Atlantico, aqui detronte do Brazil e das Americas latinas, onde os nossos irmãos de além mar—nossos e dos espanhóis—afirmam as nossas linguas e as nossas civilizações. Mas parece já estar provado que nem nós temos geito nenhum para espanhóis, nem os espanhóis tem geito para portugueses, a não ser os da Galiza, sempre com um pé cá e outro lá, para ganhar a vida honradamente.

É e tudo.

Agora falar, falar, cada qual fala o que quer. Também na nossa escada há uma vista nha do lado que passa os dias a falar e a meter-se na nossa vida, e ainda nos não zangamos nem federamos. Ela fala e a gente diz-lhe de cá.

Pois sim, rala te.

É quem quiser que se te- de...

Leí seca A lei seca continua a dar os melhores resultados na America, como se vê do seguinte telegrama:

Leí seca A lei seca continua a dar os melhores resultados na America, como se vê do seguinte telegrama:

«NOVA YORK 17.—Foram pro- curas seis pessoas acusadas de terem sido a causa involuntaria de envenenamento de quatro 100 indivíduos, aos quais venderam uma misteria cortado alcool de madeira com a etiqueta «Gengibre de Jamaica».

Aqueles com apaixonados de Baco, se não fosse o belo «Gengibre de Jamaica», viriam a morrer, com uma sifrose no figado, daqui a 15 ou vinte anos, se conseguissem escapar aos atropelamentos das ruas de Nova York ou dos atentados de Al Capone. Assim, graças à lei seca, arre- bentaram num abrir e fechar olhos, por terem ingerido alcool de madeira, que ainda é a melhor coisa que se pode arranjar na America para matar um desejo, ou enganar um vicio.

Acabaram-se as victimas do whisky e do cognac. Quando acabarem as victimas da ma- deira...

ANUNCIOS Do nosso infalivel e habitual fornecedor

recontamos hoje mais alguns anuncios

S S S

«Largai-vos esquecer por instan- tes esqueci! Recordo sempre e de dia para dia com mais profunda saudade! M. m. x. Um interm b. Etern. t. ainda que eu o não quizesse!

Tres S S S que parecem tres cobras! Lagarto! Lagarto!

Aquelas iniciais é que nos atrapalham.

M. m. X. Os MM ainda nós nos abalancavamos a traduzir, mas o X é que nos mete em trabalhos. Os MM são mes- mo intuitivos, mas o X, é uma incognita difficil de encontrar. Xacara? Xadrez? Xaguão? Xairel? Xarrioco? Xerite!

Francamente não sabemos. Talvez Xerite. Talvez Xairel. Mas mais naturalmente Xarrioco. Boca de Xarrioco.

Eles lá sabem.

Troca de linguas

«Senhora distinta procura se- nhora portuguesa, distinta, para

trocar almão por português. Res- posta Rossio, 42, ao n.º 747.»

A exigencia de nacionalida- de é que torna o caso com- plicado. Se não fosse isso aconselharíamos a «senhora dis- tinta» a dirigir-se por exemplo a Hollywood, porque nas fitas animatograficas, encontra-se com frequencia a troca de linguas. Mesmo até no cine- ma mudo

Farmacia

«Vende-se, na provincia, com bom movimento para o meio, a far- maceutico ou ajudante. Resposta a este jornal, letras M. F.»

Se tivéssemos capital não hesitavamos um minuto. A farmacia havia de ser nossa, porque nos cheira a bom ne- gocio. Farmacias há muitas e, num paiz de tuberculosos, quem vende drogas tem uma fortuna certa. Esta, porém, mais do que qualquer outra, nos tenta, por ser a primeira que encontramos com bom movimento para o meio.

Aquilo não é uma farmacia é um redemeinho.

Dr. Lopo de Carvalho



Muito mais forte e melhor; o cretoso da Assistência Nacional aos Tuberculosos e da Casa de Saude de Bentka, é, em si, um sempre, uma grande ligam de ciência e um desejo magistral, a qual é sempre Fixe, tira, sinceramente e "bonnet",...

sempre **fixe**

Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas a razão de:

Sentimento e lhas...	Ano:	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50
Colonias portuguesas...	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00
Estrangeiro...	Ano:	34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assina- turas. O leitor inteligente per- cebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Anuncios Isto, agora, é por tabela.

O proximo numero do

KINO

seu tamanho

O proximo numero do

KINO

seu tamanho

THEATRO

«RETROZ PRETO...»

DEPOIS da «companhia das mulheres», teremos no Avenida uma nova organização dirigida por um actor e um homem de teatro muito conhecido.

A peça da estreia é com a revista *Branco e Negro*.

O titulo da revista até parece piada.

■ ■ ■

A nova revista do Apolo intitula-se *Zabumba*.

Agora é a fé dos titulos em Z.

Depois do *Zaz-Traz-Paz*, o *Zabumba*.

Sempre Fixe oferece aos autores alguns titulos começados em Z.

Zaragata, *Zanzariban*, *Zuca*, *Zardim*, *Zoologico*, *Zeferino Zuarie*, etc., etc.

■ ■ ■

OS jornais tem citado o caso de todos se queixarem de não haver originaes portugueses e aparecerem agora varios escritores, entre eles Penha Coutinho, que só á sua conta tem vinte e duas peças por representar.

São muito inocentes, estes autores.

Eles, se calhar, não sabem que autor dramatico é uma profissão e que, portanto, só uma escassa mela duzia é que tem direito a viver.

■ ■ ■

O Gimnasio, depois de *O Casto José*, que foi um exito, vai levar a farça *Glandulas de Macaco*.

Bem precisa! O Gimnasio só lá vai com um enxerto...

■ ■ ■

O actor José Gambóia já esta epoca, em duas peças do Trindade, fez de secretario do actor Chaby Pinheiro, e voltará a desempenhar igual cargo na nova peça que vai seguir-se.

Sabe-se que o actor Chaby, que este ano, como de costume, vai a Vichy, levará o seu colega Gambóia como secretario particular.

■ ■ ■

PITUSILLA, uma endiabrada *coupletista* que trabalha actualmente no Variedades, tem levado áquele teatro grande numero de admiradores.

Dão todos o *Cavaquinho* pela Pitusilla.

■ ■ ■

RAMADA Curto e Antonio Ferro estão escrevendo uma peça em colaboração.

E' a unica maneira de um não falar do outro.

■ ■ ■

JOSÉ Chaves está fazendo um grande sucesso no Rio de Janeiro com a sua companhia.

O exito é tão grande que o Climaco até manda dizer todos os dias para Lisboa quanto lhe rendeu o espectáculo da vespera.

■ ■ ■

UM empresario da provincia está organizando com um actor-empresario um grande *trust*.

Mais um grande negocio e um grande *trust*!

■ ■ ■

O *Zaz-Traz-Paz* tem obtido um tão grande exito que o empresario tem crescido em média dois centímetros por dia.

O nosso camarada de imprensa Carlos Leal, que nesta revista tem

mostrado um grande geito para o teatro, faz o compadre «Barata».

Mas aquilo não é barata. E' graça...

■ ■ ■

BREVEMENTE, no Variedades, estará em exposição um lindo passaro *Verde-gato*.

Que a revista seja tão bonita como é o passaro.

■ ■ ■

AFINAL, uma revista que esteve para subir á scena, intitulada *Sempre em pé*, já não vai.

O *sempre em pé* foi-se abaixo...

■ ■ ■

MAIS um teatro no Parque. O Capitolio.

E' um teatro moderno, para ser explorado com revista, cinema e *music-hall*. Tem tambem no telhado uma esplanada que até pode servir para aterragem de avieões.

E', emfim, um teatro caro. No Capitolio empatou-se um grande *capital*, mas ao menos fica um grande teatro.

■ ■ ■

PARTEM para a Africa, muito brevemente, diversas companhias. Se calhar, vão degradadas.

■ ■ ■

VAI começar brevemente a *Greve do Amor*.

Quem dá o primeiro grito é a companhia que vai para o teatro Avenida.

Consta, no entanto, que as outras companhias não aderem. Quer dizer que a companhia do Avenida fica com a greve furada...

■ ■ ■

O teatro Variedades tem uma certa predilecção pelas especies zoologicas.

Já levou a *Viva da Costa*, que é peixe; o *Zé Povinho*, que é de especie indefinida; o *Tareco*, que é um gato, e agora vai levar o *Verde-Gaio*, que é um passaro.

Qual será o animal que lá tem entrada depois?

■ ■ ■

AS organizações artisticas estão adoptando nomes curiosos. Depois dos «Artistas Unidos», temos agora os «Artistas Ligados», os «Artistas Socializados», etc.

Mas a maior organização artistica é a que adoptou o titulo de «Artistas Desempregados».

■ ■ ■

ANUNCIAM-SE para o Trindade as peças *Libré do Sr. Conde e Eusebio*.

A primeira é traduzida pelo actor Erico Braga e pelo dr. Antonio Dias Costa.

Erico Braga já é actor, jornalista e agora tradutor. Que mais teremos ainda?

Nós tinhamos que falar de...

■ ■ ■

CONSTA que a actriz Brunilde Judice vai constituir companhia, ingressando nela um actor que, dizem, é chelo de valor, mas que não tem ainda um lugar de grande destaque porque é muito modesto.

Chelo de valor e muito modesto! Até custa a acreditar.

A's vezes, quando não estamos preparados, sempre recebemos cada noticia...

Ditos populares



Meu Antoninho onde te porei...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS.



— Parece impossível! A chover desta maneira e os passaros a cantarem...

Tribunais comicos

Luís X... comparece perante o tribunal, acusado de ter furtado algumas peças de roupa e dinheiro a um individuo cego.

— O reu servia ha muito tempo em casa do queixoso?

— Sim, senhor juiz... Eu estava lá na casa vai fazer agora quatro anos... Mas o queixoso maltratava-me a tal ponto que eu chegava a duvidar que ele fosse cego.

— Sim... Mas isso não tem nada com o caso que aqui o traz...

— Ah! isso é que tem, sr. dr. juiz.

— Não me parece, mas enfim... Ora diga-me lá para que é que o senhor roubou?

— Era para ver se ele via!...

Julga-se um caso delicado. A testemunha que depõe é bastante surda, o que dá em resultado falar-lhe o juiz numa coisa e ela responder a outra, absolutamente diferente.

A assistencia começa a sorrir, mas por fim ri perdidamente, pelo que o juiz, perante o desrespeito ao tribunal, ameaça mandar expulsar da sala os perturbadores.

O surdo, porém, continua a depôr e a causar gargalhadas na assistencia.

Então, um soldado da guarda republicana, ao serviço na sala, agarra um assistente que está nas primeiras bancadas e que deve medir dois metros de altura.

— Se você continua a rir, prendo-o.

— Mas eu não estava a rir — retorquiu o homensarrão.

— Está bem... Pois sim... Mas não me deixa ver quem ri...

Comparece no tribunal, como testemunha, um marinheiro.

— Ora a senhora testemunha vai dizer-me onde estava quando se praticou o delicto.

— Delicto?! Delicto?! Que rai de coisa vem a ser isso?

— Então que homem é o senhor que não sabe o que é delicto. Delicto é... crime...

— Ah! Eu estava ao pé da bitacula...

— Bitacula?! Que vem a ser isso?

— Então que rai de juiz é v. ex.ª que não sabe o que é bitacula?!...



— Está com muita tosse. Vou mandar-te cá alguém para te ver.
— Ma quem é esse medico?
— Não é medico, é o angariador duma companhia de seguros de vida...

Elevador da Gloria

— E' como lhe digo, meu caro artista! Na visita que fiz á ultima exposição de Belas Artes, não vi senão o seu quadro.

— Oh! minha senhora! — exclamou o pintor, envaidecido — mas que amabilidade! Que amabilidade a de v. ex.ª

Ela, prosseguindo:

— O seu quadro era o unico que se podia ver; deante dos outros estava toda a gente! E eu detesto apertões...

A cartomante: — A menina ha de casar-se...

Joanita: — Quantas vezes?

Num teatro de Madrid comenta-se a extraordinaria semelhança fisica entre os actores Enrique Gil e Pepe Soler.

Assegurava alguém que, vendo

censura — como aqueles cães são inteligentes. E' porque aprendem bem.

— Pois sim — respondeu o pequeno — pergunte-lhe o papá os factos mais notaveis do reinado de D. João I e verá se eles respondem!...

O critico literario: — Onde está o livro do Pacheco, que na semana passada critiquei?

A esposa: — Emprstei-o á Julia!

O critico literario: — Mas que estupidéz! Ainda não o tinha lido...

Dissertação filosofica:

— Quando não estou bem, vou aos medicos, e assim ajudo-os a viver! Compro os remedios na farmacia, ajudando os farmaceuticos a viver! Mas, quando chego a casa, deito fóra as drogas...

— Isso é que eu não compreendo!



— E' uma doença terrivel! Ou se morre, ou se fica idiota.
— Quem é que t'o disse?
— Ninguem. E' que eu já a tive...

os dois actores, difficil seria distingui-los.

Entrou neste momento Guilherme Perrin, autor de varias zarzuelas que Lisboa aplaudiu, e, ao perguntarem-lhe a sua opinião, respondeu:

— E' verdade; parecem-se os dois extraordinariamente; sobretudo Soler...

— Sempre que te vejo, lembro-me do Antunes.

— Mas eu não me pareço nada com ele...

— Bem sei! Mas ele é como tu: deve-me cincoenta mil réis...

O Joãozinho tinha dado pessimas lições. Quando chegou o domingo, o pai levou-o ao circo, onde havia um numero preenchido por cães sabios.

— Vês — disse o pai em tom de

— Porque tambem eu tenho que viver!...

Um mentiroso contava aventuras de uma viagem que fez por mar. A certa altura exclamou:

— E então o enjoo?! Foi de tal ordem que até deu nas galinhas que iam a bordo! Os pobres animais chegaram a deitar os ovos pela bôca!

Preso em flagrante delicto:

O anarquista: — Trate-me com mais delicadeza.

O policia: — Não sei porquê...

— Porque tenho varias bombas no bolso...

A uma senhora que estava moribunda disse a criada:

— Vejo cá a D. Emilia saber de si.

— Sim?! E que chapéu trasia? O vestido era bonito?



— Porque vens pedir para falar ao teu namorado? Não me tinhas dito que estavas zangada com ele?
— E' que eu dei-lhe uma espora de oito dias...

Pano de ferro

O Pedrito foi sempre muito curioso e por isso, a cada passo, as suas perguntas deixam a pessoa que o acompanhe sériamente embaraçada.

No teatro, só durante o espectáculo é que está calado.

Nesses momentos, toda a sua atenção se fixa no palco; não gosta que ninguém o incomode ou lhe faça qualquer pergunta e os seus olhos não perdem pitada do que se passa no palco, principalmente se ha bailarinas.

O Pedrito gosta muito de bailarinas.

Mas, antes de começar a peça, as perguntas nunca mais acabam e a sua impaciencia não tem limites.

Por isso, aqui ha tempos, instalado na segunda fila dos fauteuils dum teatro de revista, como o espectáculo tardasse um pouco em começar, o Pedrito já estava sobre brazas. E, para passar o tempo, foi soletrando os diversos escritos a grandes letras no pano de ferro, sobre a diminuição de probabilidades de incendio e o apelo final ao publico para evitar o panico.

Esta ultima frase, porém, o «evitar o panico», foi lida pelo Pedrito duas ou três vezes com uma certa estranheza.

Apesar disso, não fez qualquer comentario sobre a sua significação. Vagamente se lembrou de ter ouvido falar em pano de ferro, em pano de bôeca; sabia, portanto, da existencia do pano do teatro, e ligando esta ideia com a frase que acabava de ler sobre o panico em caso de sinistro e vendo que a peça não começava, virou-se para o pai e comentou aborrecido:

— O' paisinho, afinal nunca mais sobe o panico!...



— Tu que precisas de casa, vês bem aquele 2.º andar lá em cima?
— Vejo sim, e depois?
— Não podes ir para lá porque não se afuga...



— Desculpe, mas tenho de ir a um sítio onde ninguém pode ir por mim.

— Insolente!
— Vou tirar o retrato...

A cepa torta

Um dia, o Pedrito imaginou que havia de ensinar a mais nova das criadas que tinha em casa. Mas a rapariga não dava nada. Ensinava-lhe uma conta de diminuir e perguntava-lhe: «Percebeste? A rapariga dizia que sim.

Mas quando o Pedrito lhe pedia a conta para vêr, aparecia-lhe a conta de diminuir somada.

Ora o Pedrito não tinha paciência nenhuma e por qualquer coisa se zangava; mas não desistia de ensinar a criadita. Uma vez, apesar dela não saber sequer somar, lembrou-se de lhe ensinar contas de multiplicar, mas a rapariga ainda menos percebeu. E, quando o Pedrito foi conferir a conta, encontrou uma enfiada de asneiras: ela tinha somado o multiplicando com o multiplicador e depois tinha posto um risco por baixo e tinha tornado a somar; enfim, uma porção de disparates.

O Pedrito, furioso, pegou nos cadernos, rasgou-os, atirou com a pedra, que se fez logo em mil pedaços, partiu o lapis e a pena e, depois de tudo rasgado e escangalhado, voltou-se para ela e disse-lhe, de sobrolho carregado:

— Grande parva! Grande burra! Assim nunca mais passas da cepa torta.

Então a rapariga, lavada em lágrimas, veio ao pé de mim, muito ofendida, dizendo-me, no mais profundo e lacrimoso desalento:

— Calcule a menina que o Pedrinho disse-me ha bocado que eu nunca mais passo de sôpa-torta!...

MARIA HELENA.



— Não tens vergonha de andar ha mais de três anos sempre na mesma classe?

— E o senhor professor não está ha mais de vinte nesta escola?

Graça dos outros

— Ai! meu Deus! — dizia a viuva Sousa — se meu marido tivesse feito testamento, não havia tanta trapalhada por causa da herança.

— Os procuradores apoquentam-na muito?

— Se apoquentam! Dão cabo de mim! Sinceramente, ás vezes, chego a ter pena de que ele morresse!

Num baile:

— O senhor pisou um pé a minha mulher! Tem que dar-me satisfações!

— Com todo o gosto. Vê aqueia senhora que está sentada acolá? E' minha mulher. Vá pisar-lhe um pé e estamos quites.

A' porta dum conhecido nosso, á hora do jantar, bateu um mendigo a pedir esmola.

— Déem-lhe uma tijela de caldo!



— Venho pelo cesto que o meu pai lhe emprestou.
— E porque é que o teu pai não pede um emprestado como eu fiz?

— determinou o chefe da familia, que se achava á mesa.

A creada executou a ordem de seu amo, mas o mendigo, ao receber a esmola, observou:

— Este caldo não tem carne?

— Não, senhor.

— Pois então, quem a comeu, que o beba.

Na aula:

A professora: — Armandinho! Se eu tomasse estriquinina em vez de aspirina, que sucedia?

O aluno: — Era um dia de festa para a classe!...

Teotónio, por economia, viaja em terceira classe com a sua numerosa familia. O filho brinca com os bilhetes e o pai diz-lhe:

— Guarda láo, rapaz. Não ha necessidade que intehras todos os que vão aqui que viajamos em terceira classe.

Num bric-à-brac:

O freguês: — Mas é um autentico Rubens?

O comerciante: — Palavra de honra! Mas evite tocá-lo, que está ainda fresco...

Uma senhora, viuva de três maridos, casa pela quarta vez. Vendendo-a um tanto preocupada, um sujeito intimo da casa pergunta-lhe o motivo da sua preocupação, ao que ela responde:

— Apavora-me a ideia de perder o meu novo esposo. O senhor não imagina como sai caro um enterro...

Um sujeito entra muito azafamado numa drogaria e pede pó insecticida.

— Que quantidade deseja?



— Já ficas avisado. Para a outra vez não te metas comigo.

A melhor definição

D. Sabina era uma senhora culta, de atilado espirito critico, e bem que um pouco severa nas suas apreciações. Tanto assim, que nenhum espectáculo lhe agradava por completo, nenhuma peça a satisfazia plenamente, nem um actor, por mais perfeito, interpretava um papel sem que lhe merecesse qualquer censura.

Mas o pior ainda era o seu costume de pretender que as suas opiniões fossem perfilhadas por todos que a ouviam, por todos os que tinham a desdita de a encontrar, durante esses ataques verrinosos.

Ora, foi num desses momentos que ha dias encontrou o Marques, o bom do Marques, que é um temperamento perfeitamente oposto; nunca tem opinião formada sobre coisa alguma, não gosta de censurar ninguém e nunca achou o mais pequeno interesse em semelhantes apreciações.

Foi por isso que, ao vê-la, ficou assado e com o maior desejo de se ver livre dela. D. Sabina começou logo por uma cerrada critica a certo actor, por todos justamente considerado como perfeito em papeis de composição difficil, em que do principio ao fim da peça o interprete tem de compôr e variar constantemente a figura que representa, por virtude duma tara ou dum vicio que leva no fim o personagem á morte mais violenta e de mais difficil desempenho.

Pois precisamente uma dessas mortes era desta vez a origem das asperas censuras da exigente D. Sabina, que em frente do pobre Marques, bradava:

— Sim, diga-me, sr. Marques, se é possível uma morte assim! Segundo a peça, elle é envenenado com estriquinina, mas não me parece que esse veneno possa produzir os efeitos que elle representa. Ora imagine que, depois de cair no chão, estrebuchando, salta para cima dum fauteuil e depois para cima dum sofa, e torna a cair no chão e torna a saltar. Ora, ora não ha! Não percebo que genero de morte possa ser! Sim, não acha, sr. Marques? Ora que morte pode ser esta, assim aos saltos?

— Talvez morte macaca, D. Sabina...



— E fica sabendo que tens andado com sorte.

— Porque?
— Foi á modista e vi chapéus de 400 e 500 escudos e escolhi um de 200...



— Como se explica que, não lhe tendo passado o carro por cima ela tenha morrido?
— Pois, sim, mas é que levou uma pancada com o salva-vidas

O HOMEM DA MALA

comédia curta em 1 acto

Um escritório. Duas portas: uma a D. para o interior e outra a E. para o exterior. Os móveis necessários para o desenvolvimento da acção

POMBO (Escrito à secretária, as mostras de impaciência. Toca num timbre): — Como isto vai bom! Se a clientela, este mês, for indo assim, não ganho para a renda da casa. E não há meio de desembarcar nenhum.

EMPREGADO (Entrando pela D.): — O senhor chamou?

POMBO: — Chamei, sim, para te recomendar cuidado. Assim que ouvires vozes aqui, no escritório, já sabes, hein? Tocas duas vezes a campainha. Ouviste?

EMPREGADO: — Sim, senhor.

UMA VOZ (dentro, da E.): — O escritório é aí ao lado.

POMBO (para o empregado): — Raspa-te já. (Empregado sai). Ah! que enfim que lá vem um! (Começando a mexer nos papéis) Vamos lá, a ver que se trabalha.

1.º CLIENTE (Entrando pela E. da D.): — V. ex.ª dá licença?

POMBO: — Faz favor de entrar e sentar-se. (Indica uma cadeira).

1.º CLIENTE (olhando para todos os lados): — É o escritório do Sr. Pombal, Calado & C.?

POMBO: — Exactamente. Que deseja, v. ex.ª?

1.º CLIENTE: — Sou da província e estou há quatro dias em Lisboa, para onde vou a viver. Como não gosto de andar por hotéis e pensões, quero comprar um pequeno apartamento para habitar.

POMBO: — Tenho aqui a casa para moradia própria. Vou mostrar-lhe as respectivas fotografias. (Dirige-se à secretária, com careca intuitiva, mas ouve-se a campainha do telefone. Pega no auscultador e começa a falar) É do Banco do Ultramar?... Aqui... Pombal, Calado & C.!?... O quê?... Pois claro!... Pode fazer a transferência de 200 contos do nosso depósito para o da Grande Companhia das Minas de Estanho!... Muito obrigado!... (Desliga o auscultador).

2.º CLIENTE (A porta): — É o sr. Pombal?

POMBO: — ... Calado (indica uma cadeira). Tem a bondade. Estou a atender este senhor. (Aponta o 1.º cliente).

1.º CLIENTE: — Não tenho pressa nenhuma...

2.º CLIENTE: — O meu caso é simples. Tenho depositados 300 contos numa casa bancária. Mas esta situação... falências... bur-las... casas que fecham... Bancos que... Sim, compreendi!

POMBO: — Compreendo muito bem. (Ouve-se a campainha do telefone). Com licença, sim? (Falando ao telefone). Quem fala?... Do Banco Continental e Insular?...

Daqui... Pombal, Calado & C.!?... Que?... Uma ordem de Londres?... Dez mil libras?... Muito obrigado! (Desliga e volta a falar ao 2.º cliente).

2.º CLIENTE: — Como ia dizendo, prefiro colocar o meu dinheiro em melhores condições.

POMBO: — Sobre hipoteca, não?

2.º CLIENTE: — Exactamente. A 30 por cento. Claro que reservo metade para os senhores.

POMBO: — Tenho um cliente que está com a corda na garganta. Ainda se arranja tudo hoje.

3.º CLIENTE (tentando apressado): — Boas tardes.

POMBO (indicando-lhe uma cadeira): — Tem a bondade. Já o atendo. É só um momento.

3.º CLIENTE (olhando os outros clientes): — Tenho certa urgência.

POMBO: — V. ex.ª deve concordar que estes senhores...

1.º CLIENTE: — Não faz mal. Posso esperar.

2.º CLIENTE: — E eu também.

3.º CLIENTE: — Há seis meses comprei um prédio no Campo Grande, por 800 contos, (intencionalmente) com o produto das minhas economias. (Olhando descontentado os outros) Eu não sei se...

POMBO: — Pode falar a vontade. São dois dos meus melhores clientes. (Estes olham-se afanos e com um sorriso de satisfação).

3.º CLIENTE: — É que eu sou comerciante e os meus credores entenderam fazer questão por causa dumhas gavidas sem importância.

POMBO: — De forma que o deseja vender...

3.º CLIENTE: — Assim é. Pode mesmo entregá-lo a quem der 300 contos. Quero fazer-me a dinheiro. (Ouve-se a campainha do telefone).

POMBO: — É isto que os senhores estão vendo. Não tenho um minuto de descação. (Volta-se e vai atender a chamada. Nas suas costas, porém, sem que ele dê por tal, entra o Homem da Mala: um indivíduo de chapéu de côco e com uma pequena mala de mão. Conserva-se de pé, sorrindo enigmáticamente para os clientes, que o olham como parvos). Do Banco Anglo-Brasileiro?... Sim, senhor. É o proprio que fala!... Que diz?... As acções dos Caminhos de Ferro da Westfalia subiram?... Em quanto?... Oh! Nesse caso temos um lucro aproximado a 700 contos!... Obrigado!... (A desligar) Calculem os senhores que... (Ao voltar-se, estaca surpreso, ao vêr o Homem da Mala, a quem pergunta com modo brusco) O que deseja o senhor?

HOMEM DA MALA (em tom irónico e espaçando as palavras): — Venho ligar o telefone...

(Fazo rápido)

EDMUNDO MOTRENA.

VICENTE GRAINHA

o construtor de aviões

Vicente Grainha, carpinteiro de profissão, formação cerebral tão avariada como os relógios do sol, de ha muito que acarinhava o sonho de se celebrar na construção de um aparelho voador que, embora não o conduzisse ás regiões etereas, se erguesse além do quarto andar onde residia.

Como carpinteiro, era uma cavaliade, mas pôdia ser que, como construtor de aviões, deixasse a perder de vista os mestres. Os patrões não lhe davam trabalho porque ele só sabia bater com o martelo na cabeça dos dedos e ser dos melhores clientes da Mutualidade da Construção Civil: todavia, como um aeroplano, segundo o seu pensamento, era coisa simples de construir, iria tentar a celebridade.

Nunca tinha voado. Tentou um dia subir no «Lisboa», mas não possuía cem escudos para esse devaneo. E experimentou varias vezes o elevador de Santa Justa, que se assemelhava, na emoção e nos poços de ar, a qualquer avião — dizia ele.

Fez mais de trinta viagens no ascensor, e julgou-se um dia suficientemente preparado para se erguer aos espaços.

Só o faria, porém, em um aparelho da sua absoluta confiança, cujos segredos conhecesse, com todas as condições de segurança, pois tinha muito amor á vida e não se dispunha, aos trinta anos, a servir as ambições dos cangalheiros.

Esse aparelho só poderia ser aquele que idealisava ha muito tempo, cujo projecto examinava constantemente, introduzindo-lhe sempre alterações de maneira a renová-lo e a dar-lhe melhores condições de navegabilidade e estabilidade.

E pensou imediatamente no famoso avião.

Escangalhou todos os caixotes que tinha em casa, fez em tiras a mesa da cozinha e principiou a laboração.

— E o motor? — perguntou a si mesmo.

— Não faz mal! — retorquiu também para si.

Já havia aviões sem motor e Vicente Grainha iria construir um igual, em dimensões, ao seu apelido. E como as grainhas não teem motor, o seu avião também o podia dispensar.

A construção iniciou-se sob os melhores auspícios. Durante meses, mestre Vicente, o construtor

de aviões, deixou de frequentar a locanda que lhe servia de cenáculo.

Todas as suas atenções se reuniam em volta do aparelho, que admirava, valdoso da sua competência. E ele, que ainda não tinha deixado de ser carpinteiro... no inlabor!

Até que as obras foram dadas por concluidas. O avião estava pronto a bater um record, se necessario fôsse.

Nessa altura, julgou conveniente anunciar aos amigos o seu invento. Ninguem o tomava a sério, mas, como dizem que alguns malucos teem coisas acertadas, os amigos do Vicente acreditaram no aforsismo.

Vicente Grainha marcou um dia para a experiencia: do avião.

— Como se chama? — perguntou-lhe um amigo que o costumava massar com remoques.

— «Grainha!» — respondeu, inchado, mestre Vicente.

— Em que campo se fazem as experiencias? — inquiriu o dono da locanda.

Vicente Grainha riu desdenhosamente da pergunta e explicou parte do seu segredo:

— O campo de descolagem é... é a varanda da minha casa.

—?!
— E' dali que eu levanto vôo e é ali que hei de aterrar...

Espanto geral dos circunstantes e os comentarios estrugiram clamorosos:

— Está doido! Vai morrer, com toda a certeza!

Vicente escolheu o dia treze para a sua ascensão. Alguns amigos foram assistir á experiencia.

Às nove horas da manhã, Vicente colocou o «Grainha» na varanda da casa e saltou para a carlinga.

Preveniu os amigos de que ia partir para a sua viagem, e o aparelho descolou.

Alguns segundos depois, ouviu-se um enorme estampido. Os gritos de socorro não demoraram e uma maca da policia appareceu rapidamente.

Vicente Grainha foi conduzido ao hospital e, já depois de pensado, ao lêr a noticia nos jornais, exclamou:

— Se não tenho escolhido o dia treze, o meu feito não viria na secção das ruas e não me chamariam maluco...

FRED.



— Oh, não se esqueça: colocar o pé na manivela e dar o bote á tua prima.

Cacharolete

Ha que tempos eu não via
O velho do Xavier;
E ao encontrá-lo outro dia,
Palavra que não sabia
Que já deixara a mulher.

E foi por civildade,
Co'a franqueza mais singela,
Sem intuitos de maldade
E a maior urbanidade
Que lhe perguntei por ela.

'Stranhei que o antigo esposo
A suja boca entreabra
Num sorrinhinho maldoso.
E diga, com certo goso:
— 'Desliguei-me dessa cabra!

Era uma coisa indecente!
Não se podia aturar!
Essa mulher impudente
Namorava toda a gente!
Fartou-se de me enganar!

Deixei-a, e muito me louvo!
Disfruto prazeres a rodo!
'Stou solteirinho de novo.
E, segundo diz o povo:
O boi, só, lambe-se todo!

E, depois de me abraçar,
O Xavier lá se foi
Co'o mais prazenteiro ar,
E eu fiquei a meditar
Na sorte que tem um boi...

JOÃO FERNANDES.

Fui ontem a Badajoz,
num comboio especial,
vêr despacharem seis touros
o Barrera e o Marcial.

Confesso que estou contente
com o que lhes vi fazer,
e comigo toda a gente
que tem olhos para vêr.

O «alcalde», inda de fresco,
mostrou boa pontaria,
tocou-se o hino de Riego,
houve vivas, gritaria.

Toda a multidão vibrou
quando o nosso Marcial,
depois de três pares enormes,
toureou «ao natural».

E o pequenino Barrera,
magro, nervoso, elegante,
toureou de tal maneira
que nos par'cia um gigante.

Foi a primeira corrida
na Espanha republicana.
Tudo ficou satisfeito
... menos o Carlos Viana.

Três fenómenos surgiram:
Barrera, Marcial e, ao centro,
um cavalo que corria
sem já ter nada lá dentro...

O HOMEM DOS TIMBALES.



— E que é o que lhe falou?
— É uma coisa que me contou o marido.
— Foi um marido que matou a mulher.

BARBIE-SE COM LAMINAS



A - 1541 - Uma trans-...
Pernas são cabelas



(1) — Ha minha casa ha uma agua terrea que cura todas as doenças.
(2) — Pois na minha ha uma agua tão ferrea que quando a gente faz chichi sai aramel...

TAC-TAC-TAC

Valerio (que será para nós, daqui para o futuro, o que o sr. Praxedes foi para o inimitável humorista André Brun) teve, como já vimos, na sua ridente meninice, veleidades de pintor. E, como de monos só conhece os que tem na loja para impingir aos fregueses, deu-se à industria lucrativa de pintar os clientes. Pinta-os todos de branco, pois em branco ficam quantos lhe caem nas mãos, deixando-os sem uma de x, tais as operações mefistofelico-matematicas por que passam as contas da mercearia.

Valerio, como já lhes disse, é um espertalhão. Mas ser velhaco não é ser inteligente. Valerio é essencialmente, retumbantemente estúpido.

E a historia do que lhe succedeu com o bacalhau demonstra-o claramente.

Costumava ele cortar o bacalhau num quarto interior, com o pretexto de que o balcão era estreito e estava sempre convenientemente sujo. Trazia as postas todas empilhadas sobre um papel, dispuinha-as cuidadosamente com simetria e embrulhava-as, ao mesmo tempo que embrulhava o freguês.

Vou dizer-lhes como. Sempre que o Valerio cortava o bacalhau, surripiava uma posta, que escondia no tal quarto interior.

Andava ele todo contente com a ideia genial. Todas as noites, quando estava só, punha as postas sobre a mesa, a vêr se já chegavam para formar um bacalhau inteiro.

— Faltam só mais duas postas! — exclamou ele, esfregando as mãos, quando uma noite se foi deitar com a mulher.

— Vê lá no que te metes, Valerio — avisou a mulher.

— Deixa-te de lóas: eu bem sei o que faço...

E, com ela fígada, logo no dia seguinte roubou outra posta.

Só faltava o rabo. O bacalhau, assim reconstituído, tinha uma forma esquisita; parecia entrevaído... Mas, em todo o caso, era um bacalhau. Sómente, o difícil era o rabo! Não que ele não tivesse rabo para dar e vender; mas é que o

déle não se parecia nada com um rabo de bacalhau.

Valerio, porém, resolveu o problema, vendendo numa tarde de chuva as postas de bacalhau sem rabo.

O freguês, chegando a casa, disse para a mulher:

— Trago aqui um bacalhau muito bom. Põe de molho as postas da ventrecha e o rabo, para amanhã se fazer uma meia-desfeita.

E foi preparar-se para a ceia. Mas ainda não chegara ao quarto, que já sua mulher o chamava:

— O' Honorio, tu perdeste o rabo!

— O rabo perdeu o teu avô torto — respondeu, furioso, o Honorio.

— Ah, homem: perdeste o rabo do bacalhau...

Honorio acudiu, solícito:

— Não perdi nada. Só se foi o Valerio que m'o roubou.

E, tendo verificado a falta do apêndice caudal do bacalhau sueco, foi-se a correr á loja do Valerio, com as postas debaixo do braço.

— O' só Valerio, onde está o rabo?

— Você está enganado — respondeu Valerio — eu não sou desses...

— Não é do seu que eu falo, seu ladrão; é do rabo do bacalhau que você ainda agora me vendeu.

— Então, só se o bacalhau não tinha rabo...

— Tinha, com certeza; e você tem também um bem grande para eu lhe pregar uma chulipa.

Valerio percebeu que a coisa estava séria; e, logo, muito sorridente, foi a correr cortar um rabo de bacalhau, que entregou ao freguês, explicando, com mansidão:

— O' só Honorio, olhe que se eu lhe não dei o rabo, não foi por mal...

Mas foi desde esse dia que se ficou sabendo no povoado que Valerio subtraía as postas do bacalhau que vendia aos fregueses.

E já ninguém compra bacalhau em casa do Valerio sem lhe vêr o rabo.

CIRANO DE VELHOFRAC.

DITOS DO POVO



Pernas são cabelas

Prosa de Cha-Veino

Eu fui dos que preferiram a primeira corrida de touros da Republica espanhola a mais uma das que nos permite a nossa Republica. E fui porque o meu querido M. S. tem sempre a bondade de ficar «al quite» nestes casos em que eu «me salgo por las afueras».

Esta vez, também como sempre, teve M. S. boas piadas, como aquela dos praticantes que apareceram vestidos pelo guarda-toupa Cruz e que ainda estão erú...

Na apologia dos touros, é claro, e que nós não estamos de acordo, mas este caso dos corridos é livre corrida.

Devo ainda declarar que me não interessou saber se ganharia o Nuncio ou o Simão. Eu já sabia que, dos dois, quem ganhava, com certeza, era... o Segurado.

* * *

Aquilo em Badajoz não foi nada mau, para «aficionados» e empregados, estes últimos favorecidos pelos portugueses e por um novo sistema que recomendamos a mestre Segurado. Durante o inverno, vende a actual empresa de Badajoz senhas do valor de cinquenta centimos, que os «aficionados» economicos vão esportulando sem sacrificio e que, oportunamente trocadas pelo definitivo bilhete para a corrida de touros, permitem que a ela todos assistam sem desembolso total, sem sacrificio imediato.

Estamos já a vêr o Segurado a vender senhas de pataco para as touradas do Campo Pequeno...

* * *

As corridas da feira de Sevilha começam no proximo dia 22, e em dois domingos seguintes veremos no Campo Pequeno os que esperam ser seus heróis — Marcial e Bienvenida.

Depois, anunciam-se já varios nomes de «toreritos» mais ou menos modernistas.

Quanto a nós, não devem os organizadores de touradas esquecer também alguns exemplares de toureiros machos, como Felix Rodrigues, patricio de Barrera, e ainda outros que nos bailam na ideia...

PEREZ LA CHAISE.



— E' muito esperta. Agora está aprendendo francês e algebra; fala um pouco de algebra com este senhor...

Quereis dinheiro?

Jogal no

Lama

Rua da Ampara, 51 — LISBOA

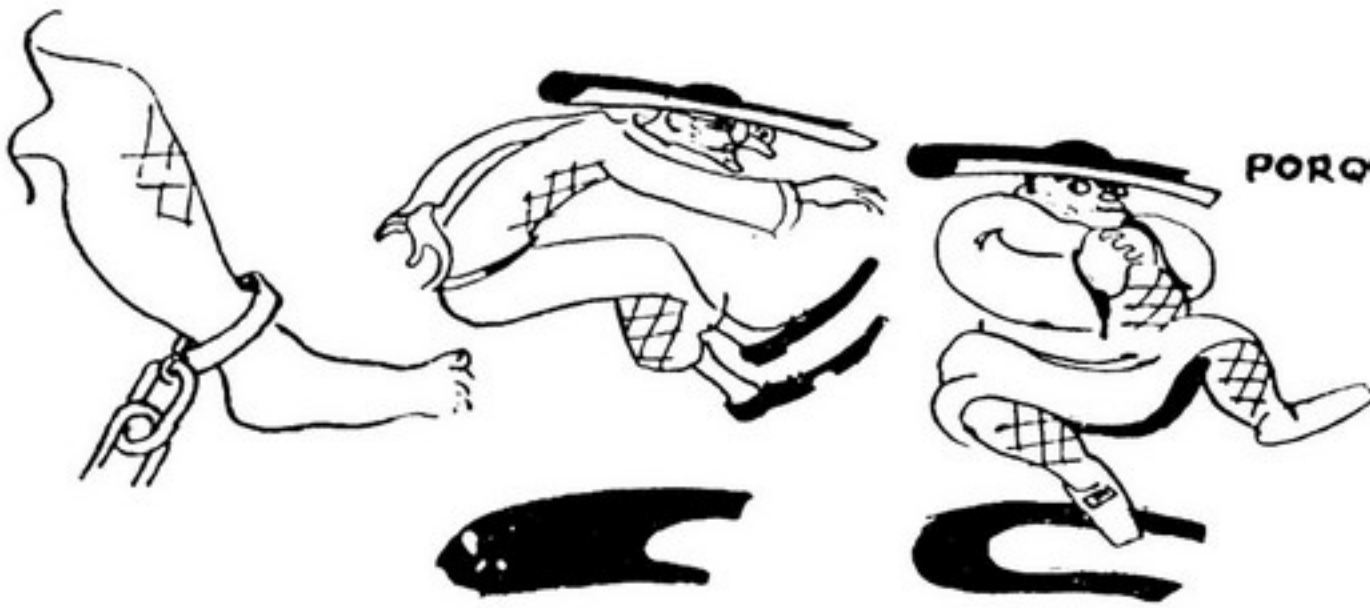
Sempre sortes grandes

ECOS DA SEMANA

A RESPEITO DE UNIÕES IBERICAS ESTAMOS POR AQUI



OS JISUITAS DE GIJON VÃO JIJUAR PARA LONGE



SÓ UM SANTO ANTÓNINHO COMO ESTE

PODIA FALAR DO SANTO ANTONIO DE LISBOA



O PRINCIPE DE GALIS TERÁ UM PRINCIPIO DE GALA PORQUE A SUA PASSAGEM TÃO PASSAGEIRA NEM DA TEMPO AOS FOCUFES DE REBENTAREM.

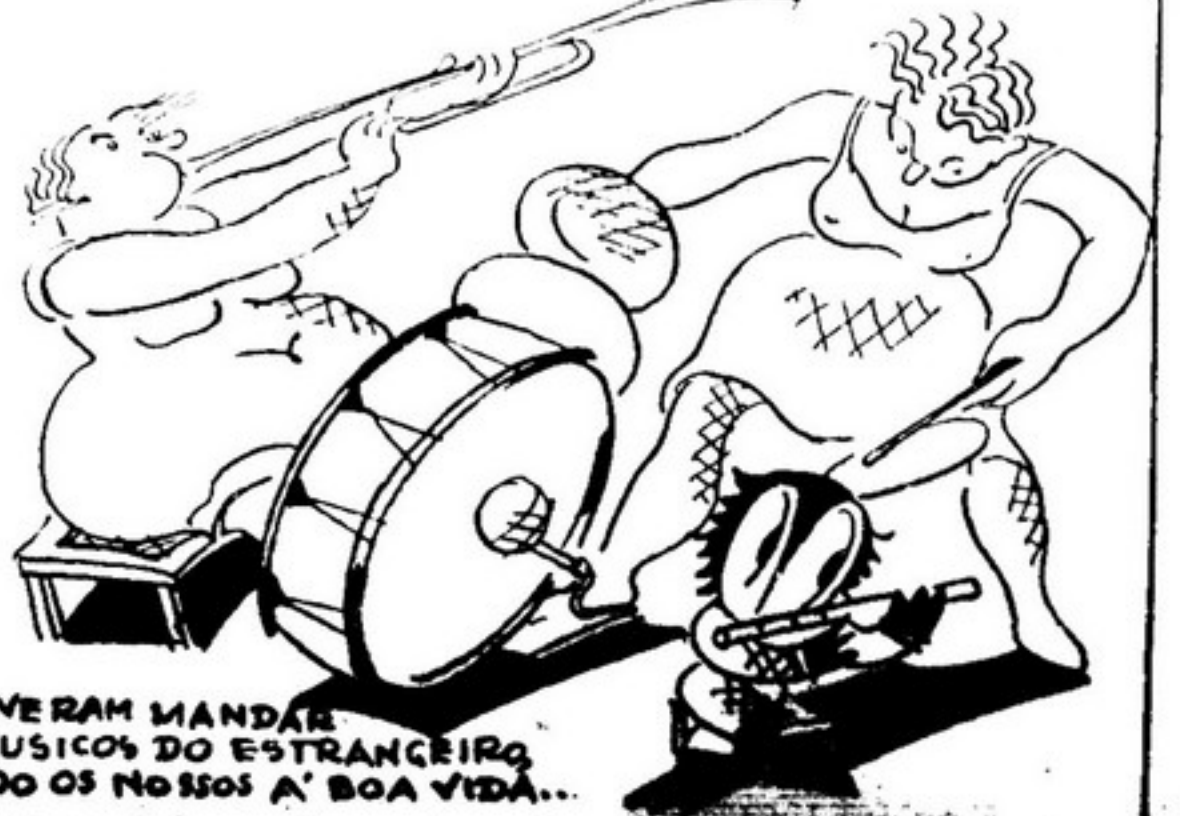


UM TEATRO DE LISBOA NÃO PODE ORGANIZAR UMA ORQUESTRA SO DE FEMEAS POR FALTAREM EXECUTANTES DE PRATOS E INSTRUMENTOS DE SOPRO... NO ENTANTO...



SERA VENTO DE ESPANHA QUE TEM SOPRADO EM LISBOA?

NA ENXURRADA TEM CHEGADO MUITOS AFONSISTAS - CUIDADO COM AS MISTURAS.



RESOLVERAM MANDAR VIR MUSICOS DO ESTRANGEIRO ESTANDO OS NOSSOS A BOA VIDA...